Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3251unse

Ano XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1956 – N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Sôbre as Predições Apocalípticas . *Redação*
Fenômenos Teratológicos «Um caso de Xifopagia» . . . . . *Henrique Rodrigues*
Concordância e Discordância . . . *Deolindo Amorim*
Religião e Ciência . . . . . *Alberto Lopes*
O Descortinamento dos Segredos da Matéria . . . . . *V. O. Casela*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Qual a verdadeira atitude de Judas, ao trair Cristo ? . . . . . *José Arantes de Mello*
O Sinistro do Quadrimotor . . . *Tte.-Cel. Levino C. Wischral*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Trabalho, Solidariedade e Tolerância *Albérico Bezerra Cavalcanti*
«Sessões de Sofredores ?...» . . . *Tte.-Cel. Fiori Amantéa*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito' pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 65,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Apêlo aos nossos assinantes

Como os nossos assinantes já devem saber, fomos obrigados a aumentar o preço das assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» em virtude da exorbitância da taxa postal, do aumento do salário dos empregados, da matéria prima, e da nova porcentagem sôbre o salário devida aos Institutos de Aposentadoria. Assim, de Julho em diante a assinatura anual de «O Clarim» custará cr.$ 60,00, e a da Revista cr.$ 90,00 a começar de Agosto, porte simples, assinatura anual.

Os confrades que assinarem o jornal e a Revista conjuntamente gozarão de um abatimento de 10%, se pagarem suas assinaturas adiantadamente.

Solicitamos aos assinantes em atraso o obséquio de procurarem os nossos agentes locais para efetuarem o pagamento das assinaturas. Nas localidades onde não houver representante local, os nossos assinantes devem nos remeter as importâncias diretamente, podendo deduzir os gastos com a remessa do dinheiro.

Contamos com o auxílio dos prezados confrades para podermos levar avante a tarefa que nos é comum e que tantos sacrifícios custou ao fundador desta obra cristã, Cairbar Schutel.

Com votos de paz e luz, subscrevemo-nos fraternalmente,

A REDAÇÃO.

ANO XXXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1956 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Sôbre as Predições Apocalípticas

COMO já sabemos, a humanidade está passando por duras e penosas provações, talvez as mais duras de toda a sua história, provações que aumentarão até que se cumpram integralmente as profecias, que depois de cumpridas, passará a humanidade a um novo ciclo de sua evolução para a perfeição, o ciclo do Espírito em que o amor do próximo, ou amor fraterno será a nota predominante das principais cogitações humanas, «o pão nosso de cada dia». Quando isto acontecer, então sim, a criatura passará a viver a vida interior, ainda que esteja no plano terraqueo. Estamos dando os últimos arrancos na vida material para atingir o objetivo. E os últimos arrancos para obter-se uma vitória em luta renhida, são sempre os mais impetuosos e aguerridos.

Estamos em plena realização das Profecias. As predições de Jesus e as do Apocalipse, que foram dadas a João por Jesus na Ilha de Patmos, estão se desenvolvendo à risca. Já estamos na abertura dos 1.º, 2.º e 3.º sêlos do Apocalipse. Na abertura do primeiro sêlo João viu um «cavalo branco, e o que estava montado sôbre êle, tinha um arco; e foi-lhe dada uma corôa, e êle saíu vencendo e para vencer». Êste cavalo representa os fenômenos espiritas, e o cavaleiro o Espiritismo, que, com o arco da Verdade, está vencendo a ignorância da humanidade para conduzi-la ao lugar que Deus lhe reservou desde a criação do mundo. Na abertura do segundo sêlo, João viu «outro cavalo, vermelho, e ao que estava montado sôbre êle, foi-lhe dado que tirasse da terra a paz, e para que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe entregue uma grande espada». Êste cavalo é o Comunismo que, pela revolução, está incumbido de transformar o modo de vida no sentido material: político e econômico. Daí as guerras entre os que querem implantar êsse regimen e os que não o aceitam. E daí também a razão da falta de paz entre as nações. Na abertura do terceiro sêlo, João viu sair «um cavalo preto, e o que estava montado sôbre êle tinha uma balança na mão, e ouviu uma como voz no meio das quatro criaturas viventes dizendo: um queniz de trigo (medida de um litro) por um denário, e três quenizes de cevada por um denário». O cavalo preto representa a miséria com o seu regimen inflacionista, e o que estava montado sôbre êle com uma balança na mão representa os açambarcadores, intermediários e especuladores (tubarões, segundo o dito popular). O *denário* significa que os genêros alimentícios, utilidades, remédios, etc., haviam de subir dez vêzes mais de preço, justamente o que está acontecendo atualmente,

tendo os preços subido dez e vinte vezes mais em certos casos.

Como podemos deduzir disso tudo, as Profecias já estão em plena realização, e portanto não devemos lamentar a situação difícil por que estamos passando, visto como temos uma parcela de culpa nêsses acontecimentos, devido ao nosso atraso espiritual e moral que nos levou a cometer erros que agora procuramos corrigir com as boas ações e duras provações. O que devemos fazer daqui para a frente é praticar o amor do próximo conforme nos ensinou Jesus através de suas parábolas e preceitos, afim de nos libertarmos não só das nossas imperfeições, como também da vida material, que é cheia de dificuldades e provações.

Estudemos e propaguemos o Espiritismo, nos iluminando interiormente e iluminando também os nossos semelhantes, porque não poderemos viver felizes entre as agruras daqueles que nos cercam.

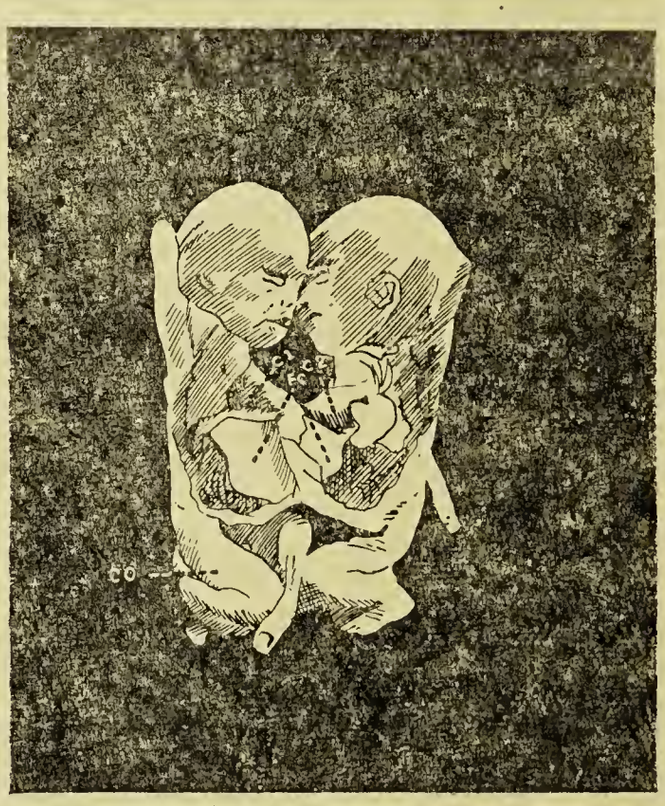
Fenômenos Teratológicos

UM CASO DE XIFOPAGIA

Explicados já os objetivos visados pela Lei, em reencarnações, como os do caso em estudo, entramos no campo do «porque» e do «como» tais fatos acontecem.

O cientificismo oficial, na ânsia de achar a partícula última, reduziu, não apenas a Terra e os homens, mas o próprio universo, a um estado de energia vibratória, em ondas, raios e frequências. Assim, cada fenômeno é individualizado por um *momentâneo* estado vibratório do elemento comum — a energia. Com base nessas conclusões oficiais, que o Espiritismo aceita, podemos afirmar que não há dois sêres absolutamente iguais, pois se tal se désse, êles se fundiriam. O QUE INDIVIDUALIZA É A DIFERENÇA. Nas esferas inferiores, a semelhança entre os da mesma espécie é mais acentuada, e isto é natural, por estarem mais próximos do ponto de partida, comum a todos. Depois, não, cada um vai colhendo suas experiências, vai modificando seu tônus vibratório, e as sutilezas mais os diferenciam. E' a fase do personalismo. Mas, como tudo na vida é vibratòriamente cíclico, pelo aprimoramento, voltam as similitudes em níveis mais altos, pontos de partida para novas etapas em demanda do Pai, de Quem viemos e para Quem retornamos.

O que poderia «colar» as duas almas, já não dizemos meninas, de Francisco Sá? Respondemos: A perigosa aproximação de suas frequências vibratórias, através de um fator comum. Quando duas estações radiofônicas imitem vibrações no mesmo comprimento de onda, o receptor, que é o resultado de verificação, demonstra o seu acasalamento, e, em analogia perfeita, com base numa sintonia vibrátil, estabelece-se o cáos de



manifestação. Nenhuma delas domina integralmente, pois observamos predominâncias momentâneas e alternadas, de uma ou de outra.

Poderiamos dizer que o amor também é uma forma de obsessão, e oxalá que todos nós a possuíssemos. Mas já

demonstramos que o amor é fenômeno de expansão, de liberação, de alegria. Em aspecto transcendente, a assemelhação no amor é essa. Todos livres, alegres, cultos, moralizados, refinados espiritualmente. E' a forma de identidade em espírito e não em forma. Si aquela obsessão não obedecia às diretrizes do amor, restava examiná-la sob o ponto de vista antagônico ao amor, ou seja, o ódio. Tudo então se explicava. Por uma concentração mental prolongada, em algum fato delituoso, por pequenez de campo, a frequência das duas almas, haviam entrado em sintonia quasi perfeita, mas sintonia também dinâmica, já que o corpo perispirítico, como chamamos, modificara seu tônus; e então verificamos a exatidão da *atração dos semelhantes*. Criara-se o campo magnético da imantação recíproca e, acreditamos, se o exterior não fizesse pressão sôbre essas almas, dificilmente poderiam separar-se.

O que é o magnetismo senão uma forma de frequência? Onde existir um campo elétrico, e isto é ciência pura, ao seu lado existirá o campo magnético e vice-versa. O campo elétrico foi o espírito de ambas as almas vibrando em frequência comum, e o campo magnético do perispírito, respondeu com um aconchego concomitante. Daí, ao nascimento físico em estado de união, *foi simples decorrência*. Assim, o «porquê» foi a OBSESSÃO no ódio, e o «como», foi a IMANTAÇÃO, eletro-magnética, ou psico-dinâmica.

Resta ainda uma «deixa» do artigo precedente. Seriam duas Marias, ou Maria e João?

Quem estuda os fenômenos teratológicos, observa o fato interessante dos ligamentos serem feitos pela cabeça, pelo tórax, pelo ventre e, raramente, pelos membros. No caso em estudo, a unicidade era exclusivamente a do aparelho sexual, ou seja, um, para as duas almas. Não seria, possivelmente, aquela obsessão fruto de uma luta em tôrno de sexo? Responderemos: E' possível, e não dizemos *É*, por nos falecerem elementos para tal categorismo. Precisaríamos saber o teste harmônico do fenômeno e ainda estudar certas reações psíquicas de ambas as individualidades. Mas vimos uma delas mais robusta, mais voluntariosa, mais homem, enfim, e outro, mais sensível, mais conformado, mais vítima, mais mulher. O aparelho genital objetivo desaparecia de importância ante outros aspectos subjetivos.

Quem quiser realmente compreender o caso, estudá-lo em minúcias, corra os olhos no caso narrado por André Luiz, no livro «NO MUNDO MAIOR», pág. 132, intitulado «DOLOROSA PERDA». Para os que não tenham êsse livro a mão, esclarecemos tratar-se de tristíssimo caso abortivo, de jovem inexperiente e inescrupulosa. Descreve André Luiz todos os lances dêsse drama, apa-

rentemente silencioso, tão em voga no seio desta humanidade. Quando lembramos que os brasileiros se jactam do fato de não existir no Brasil a pena de morte, rimos da sarcástica ironia, pois diàriamente, inúmeros sêres são julgados, condenados e executados, sumàriamente, sem possibilidade de defesa!... Após o mundo espiritual tentar todas as formas possíveis de influenciação e vendo baldados os esfôrços nêsse sentido, limitaram-se André e Calderaro a observar o desfêcho. Inutilmente implorou o sêr reencarnante à sua futura mãe o direito da vida. Fala André.

«Assombrado, reparei, todavia, que a ginecologista improvisada subtraía ao vaso feminino, sòmente pequena porção de carne inânime, porque a entidade reencarnante, como se a mantivessem atraída ao corpo fôrças vigorosas e indefinidas, oferecia condições especialíssimas, adesa ao campo celular que a expulsava».

«Odeio-o! Odeio-o! clamava a mente materna em delírio, sentindo ainda a presença do filho em sua intimidade orgânica».

Respondia o reencarnante: «Vingar-me-ei! Pagarás ceitil por ceitil! Condenaste-me à morte, e, por isso, minha sentença é igual. Serás novamente minha, para satisfação do ódio. Seguirás comigo».

Verifica-se o desencarne, e o assistente diz a André esta síntese preciosa: «O ódio, André, diàriamente extermina criaturas no mundo, com intensidade e eficiência mais arrazadoras que as de todos os canhões da Terra troando de uma vez». E André exclama contemplando, já desencarnadas, *completamente fundidas no ódio*, em duelo, às mentes torturadas: —«como ficarão? *permanecerão assim entrelaçadas?* e por quanto tempo?» Ante tais indagações, respondeu Calderaro:

— «Agora nada vale a intervenção direta. Só poderemos cooperar com a oração do amor fraterno, aliado à função renovadora da luta cotidiana. Consumou-se para ambos doloroso *processo de obsessão recíproca, de amargas consequências no espaço e no tempo, e cuja extensão nenhum de nós pode prever*».

O homem, quanto mais avança, percebe claramente a evolução da consciência, que se acha provisòriamente retida entre fluídos e fôrças, (corpo) aglutinados para *fins educacionais*.

Só a ciência espírita pode fornecer a chave para explicar o caso dessa mulher que carrega o corpo de um outro sêr, altamente deformado, preso ao seu ventre. O «x» não está nos genes e cromosomas, mas no que orienta a seleção e preponderância dêstes. A raiz de tudo está no campo do espírito e não das formas. Nêste caso, não buscariamos tanto no aspecto *odioso* a razão do fenômeno, mas em um dos ramos da ignorância, do rudimentarismo evolutivo, da subordinação vampiresca, esbotadora da personalidade. E' aquí que voltamos ao ponto de adicionar alguma coisa ao que dissemos, quando no estudo precedente, a saber, «que a primeira qualidade do existir, que chamamos vida, é o sentir, ou seja a aptidão de perceber, como nós a possuímos, que é qualidade exclusiva da alma». No caso das meninas, isso era exáto como demonstração de duas individualidades, mas a existência de uma organização física quasi completa, aderida ao corpo dessa mulher, prova a exis-

tência de um campo extruturador de forma, ou seja, de outro perispírito. Falamos em tese, pois não temos a peça para um exame minucioso. A mulher é consciente, pelo menos assim se julga, mas não sabemos até que ponto é senhora, e onde pode começar a «mescla» com a consciência evidentemente mais fraca de seu adesivo obsessor. E' possível também que a consciência dêste esteja, *por viciação*, subordinada apenas a condição de registro, impossibilitada de manifestação. E' múltipla a existência de vida

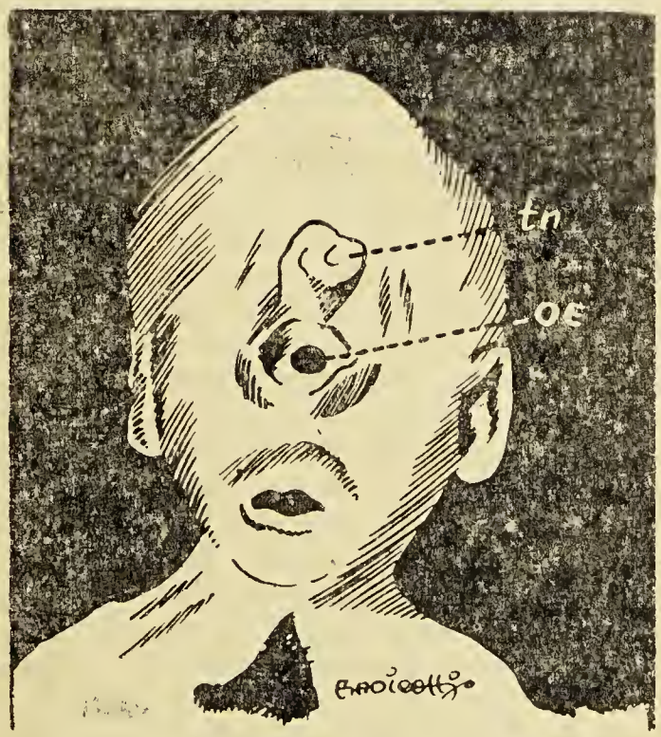
sem consciência manifestável. Um estudo da expressão fisionômica da mulher, nos conduziria aos seus estados interiores. Seu valor espiritual pode ser aquilatado pelo fato de prestar-se à exibição lucrativa de sua anormalidade, o que não é um índice de carácter bem formado... Nessa colheita de formas, vemos os frutos de uma semeadura inconsciente no campo das causas, em passado próximo ou remoto.

Já no caso dêste homem de três pernas, possuído das mesmas características do espírito de exibicionismo lucrativo, apelamos para as formações ideoplásticas em estados de perturbação mental prolongados. Pode ter sido por influenciação de espíritos de poder e conhecimento no campo das leis, mais ainda rudimentares em elevação moral, que, valendo se do campo mental do sêr em estudo, lhe modificaram, com anuência ignorante dêle, a forma dinâmica natural, criando um campo estruturador estranho. Como forma ideoplástica, oriunda de estados conscienciais prolongadamente mantidos, sua amputação não acarretaria entraves, e talvez ajudasse a apressar, por supressão, o reajuste por negar alimentação energética à excrescência. Não está fóra de cogitações a fermentação ideoplástica materna, que poderia ter sido o agente do distúrbio, em sintonia com o espírito reencarnante, susceptivel, por involução, a essa forma de influenciação.

Caso idêntico é o do feto ciclópico, sendo que, nêste, o distúrbio foi tão grande, que lhe impossibilitou a sobrevivência física. Não analisamos o caso dos fetos unidos pelos eixos paralelos, por ser êle da mesma espécie das gêmeas de Francisco Sá.

Um outro campo de manifestação de xifopagia e outras anomalias é o do reino animal sub-humano. Ante nossa dúvida, pela ausência de consciência sintonizada no mal e da necessária e dolorosa reestruturação ou resgate kármico, respondeu-nos Emmanuel:

«Meu amigo, a natureza é um reservatório de experiências, no qual prevalecem os pensamentos do homem responsável na organização da luta para si mesmo e os pensamentos da inteligência superior que na pessoa dos espíritos prepostos do Senhor, nos serviços de supervisão das formas, orienta o progres-



so e o aprimoramento dessas mesmas formas, através de inúmeras observações, das quais podem surgir, provisòriamente, sem os fenômenos da *dor-resgate* certas irregularidades quasi que instantâneamente corrigidas pelos poderes de ordem superior».

No próximo número iniciaremos um estudo sôbre o livro do Prof. Pietro Ubaldi, intitulado «DEUS E UNIVERSO».

HENRIQUE RODRIGUES.

O Espírito não é sòmente, segundo a escolástica, um conceito metafísico sem conteúdo essencial nem estrutura objetiva. Esta definição é o resultado que a filosofia teológica legou à cultura.

O Espírito é fôrça viva e inteligente; objetivo e visível por muitos métodos experimentais ao alcance da razão e por outros não menos práticos, quais as intuições da alma.

Ademais, a tranquilidade do Espírito descobre-se nos anelos de justiça, nos fatos heróicos do revolucionário em todos os horizontes da Arte; isto tudo, além de mostrar o sentido vivo do Espírito, afirma ao Homem sua imortalidade e evolução. — GUSTAVO WERTHER.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», *de William Colon).*

II — PRINCÍPIOS DE CAUSALIDADE

Antes de entrar na parte relativa a «provas e expiações», William Colon discute a chamada teoria *criacionista*, e o faz em termos incisivos. William Colon não admite, de forma alguma, a idéia de um Deus *criador*, por entender que este ponto está em desacordo com a lei de evolução. Diz êle : *Os criacionistas devem considerar que, se Deus criou o Universo e o espírito humano, como êles alegam, lógicamente teriamos de supor que houve uma época ou período em que nem o Universo nem o espírito humano existiram, pois, como tudo o que é criado tem um princípio, isto significa que o Universo e o espirito humano não existiram na época anterior à criação pelo Deus da religião.* Diz, ainda, o confrade Colon que se nós, espiritistas, nos dispusermos a estudar o tema Deus *sem prejuizos nem exaltações, só poderemos chegar à conclusão lógica de que o Deus da criação bíblica é um simples mito nascido da superstição, da ignorância e do mêdo ao desconhecido.* Com estas premissas, que constituem o ponto de partida de sua argumentação, nosso confrade Colon se põe logo em oposição ostensiva à tradição bíblica. Acontece, porém, que a doutrina espírita não esposa o ensino bíblico ao pé da letra, como faz supor o confrade William Colon, e por duas razões :

a) — porque o Espiritismo *NÃO É BASEADO NA BÍBLIA*, embora se encontrem, nas narrativas bíblicas, muitos fatos que, analisados em termos espíritas, são verdadeiros fenômenos mediúnicos ;

b) — porque o Espiritismo é uma doutrina independente, baseada em fatos e leis que esclarecem racionalmente muitos pontos da Bíblia e de outros livros religiosos.

Convém notar, entretanto, que não é possível abandonar o princípio da causalidade, porque é indispensável recuar sempre até encontrar um ponto de partida, uma *CAUSA*, finalmente, pois nenhum sêr se formou por si mesmo, sem origem, sem princípio. É verdade que a doutrina espírita não segue as pegadas da explicação bíblica, e tanto isto é exato que Allan Kardec faz críticas à cosmogonia mosaica, no cap. XII de *Gêneses*, obra fundamental do Espiritismo. Nosso confrade Colon não quer que se empregue a palavra *criação*, porque a idéia de um Deus *criador*, segundo o seu modo de ver, é pura fantasia bíblica, inadaptavel ao sentido evolucionista do Espiritismo. Há dois modos de entender a palavra criação : tanto se diz criação no velho sentido bíblico, dando idéia de uma criação *pronta e acabada*, tal como certos ensinos religiosos ainda concebem a origem do mundo, como também se diz criação no sentido amplo de dar origem a uma coisa, fazer nascer do embrião às formas mais aperfeiçoadas, através do fio da evolução.

Se quisermos seguir o raciocínio de William Colon, excluindo radicalmente a idéia de um Deus criador, cairemos na velha explicação do *acaso*, que, aliás, nada explica... Ponhamos a questão em termos imediatos e simples : se não existe uma inteligência criadora — tenha ela o nome de Deus, tenha qualquer outro nome — como se originou o Universo, qual o seu ponto de partida ? A questão fica sem solução.

Dentro do conceito geral de evolução, é claro que o Espiritismo não admite nem poderia admitir uma *criação* quasi milagrosa, como se Deus fosse uma espécie de mágico, a dizer, de lá, das alturas : *haja luz, e surgiu a luz, sem ninguém saber como e porquê ; haja florestas, e apareceram as árvores ; haja flôres, e logo nasceram as flores nos campos e nos jardins...* Isto, sim, é que é fantasia. Entender a criação nesse sentido é obscurecer a razão. Neste ponto, William Colon tem razão, porque a idéia de uma criação universal in-

teiramente perfeita ou nascida, apenas, de um sôpro divino é contrária à lei de evolução. Nosso confrade Colon está enganado, porém, quando dá a entender que os espíritas, na maioria, aceitam a criação pura e simples, segundo a letra bíblica. Não, absolutamente! O que a doutrina espírita afirma é um conceito de *CAUSA* primária, baseado na existência de Deus. Isto é muito diferente do chamado *criacionismo* bíblico. Não é possível, porém, compreender a vida, explicar o mecanismo do Universo, com as suas leis, com a sua regularidade, por exemplo, sem uma *CAUSA* inteligênte, sem um princípio ordenador, sem uma vontade diretora, que é DEUS. Isto não quer dizer, porém, que não haja, em tudo, um processo evolutivo, uma linha de continuidade entre as formas e os estágios no conjunto universal de seres e coisas.

Na realidade, pelo que se deduz das entrelinhas de seu pensamento, William Colon não quer propriamente negar a existência de Deus, mas a verdade é que as suas conclusões deixam muita confusão a êste respeito. Percebe-se muito bem que a preocupação fundamental de nosso confrade é evitar que a concepção *criacionista* ou *divinista* venha prejudicar ou impedir a compreensão científica da lei da evolução. Acha o escritor que *evolução* e *criação* formam termos incompatíveis, irreconciliáveis, e seria um disparate pretender harmonizá-los. Daí as suas críticas, em parte, à orientação de Allan Kardec, críticas que me parecem destituidas de consistência lógica... É verdade que William Colon mais de uma vez chama Kardec de mestre, *nosso primeiro mestre*, etc. Apesar disto, insiste em apontar, segundo a sua apreciação pessoal, diversas contradições no *Livro dos Espíritos* e nos próprios comentários do Codificador da doutrina. Convém notar, entretanto, que a idéia de Deus, tal como se acha na obra de Allan Kardec, *NÃO SE OPÕE, DE FORMA ALGUMA*, à lei da evolução. Toda filosofia do Espiritismo é uma afirmação da existência de Deus, sem discrepância do sentido progressivo de seus conceitos gerais. Vejam-se as obras básicas.

Logo no capítulo I, de sua 1.ª obra doutrinária, que é *O Livro dos Espíritos*, o Espiritismo apresenta a seguinte proposição fundamental, que lhe define o caráter notoriamente deista: *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*. Já se vê que não é possível admitir o Espiritismo sem Deus. Julga o confrade Colon, no entanto, que Deus não é nem pode ser o *criador*, porque essa história de criação é lenda bíblica, introduzida na mente de muitos espíritas pelo ranço do Cristianismo... Diz o confrade Colon que o *espírito* é o resultado da «evolução ética» e, por isso mesmo, jamais poderia ter sido criado por Deus. Apoia-se o escritor na autoridade, muito respeitada, de Gabriel Delanne. Ora, o princípio da *evolução anímica*, que é objeto de uma das obras de Delanne, não exclui nem poderia excluir a idéia basica de uma *CAUSA* primária. Como seria possível admitir a evolução sem um princípio, sem uma causa? Alguma coisa, no sentido remotamente embrionário, há de ter sido *criado* para dar início à evolução. E criado por quem?

Para o confrade Colon é um erro perigoso dizer que os espíritos foram *criados* por Deus, porque, se assim fosse, cairia todo o edifício da evolução. Neste caso, se Deus não é a *CAUSA* primária, a inteligência que dá ORIGEM aos sêres e às coisas, podemos perguntar: e que faz Deus, afinal de contas, se êle não preside à evolução universal?... Sem o sentido dinâmico e progressivo da criação universal não se compreende, racionalmente, a ação de Deus. William Colon não admite, nem de longe, que se fale em *criaçãodi vina*...

Abra-se o capítulo II de *Gêneses*, na 1.ª questão, e lá está o seguinte conceito: *Sendo Deus a CAUSA primária de todas as coisas, a ORIGEM de tudo o que existe, a base sôbre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa consideremos antes de tudo*. Isto quer dizer, portanto, que Allan Kardec colocou a idéia de Deus como assunto preferencial na doutrina espírita. O *evolucionismo* de nosso confrade Colon está mais próximo do evolucionismo naturalista de Spencer do que propriamente do evolucionismo espiritualista de Delanne. Tendo-se firmado em Gabriel Delanne, até certo ponto, o cofrade Colon julga Kardec contraditório em determinadas passagens, mas é indispensável observar que Delan-

ne tomou Kardec por seu *guia* ao escrever *A Evolução Anímica*. Basta citar a seguinte declaração de Delanne: *O ensino dos Espíritos foi, como sabemos, coordenado com superioridade de vistas marcante e lógica irrefragavel, por Allan Kardec. Filósofo profundo, êle expôs metodicamente uma série de problemas relativos à existência de Deus, da alma, da constituição do Universo. Deu solução clara e racional à maior parte dessas questões difíceis, tendo o cuidado de forrar-se de raciocinios metafísicos. Daí o tomarmo-lo por GUIA neste sucinto resumo.* A obra de Delanne, como a de Kardec, não elimina a idéia geral de uma causa primária. Kardec não encarou a questão pelo lado bíblico, como supõe o confrade Colon, mas pelo lado filosófico, dentro do velho axioma de que *não há efeito sem causa*. Não vejo como nem porquê a idéia fundamental de uma causa primária, que se manifesta pela *AÇÃO CRIADORA* de Deus, possa contrariar a evolução. Quando a doutrina espírita fala em *criação*, como se lê na passagem transcrita de *Gênesis*, é claro que o faz sem perder de vista o conceito geral de evolução, e por isso não se pode dizer que a orientação de Kardec se haja filiado ao *criacionismo* bíblico. Para o confrade Colon, entretanto, a idéia de criação é disparate. A doutrina espírita não nos leva, todavia, a esta conclusão. O próprio Lamarck, precursor do evolucionismo, porque a sua obra é anterior à de Darwin, não negou a ação criadora de Deus, mas, pelo contrário, reconheceu em Deus a *causa* primária das coisas quando disse: *Sem dúvida, nada existe sem a vontade do sublime Autor de todas as coisas.*

Outro ponto em que, embora ligeiramente, também se impõe um esclarecimento é o que se refere à autoria das comunicações selecionadas pelo Codificador do Espiritismo, e à idéia de «anjos» e «demônios». Diz William Colon que Allan Kardec, «por causa da época em que deu a conhecer o Espiritismo» achou conveniente introduzir em seu principal livro *a ridícula idéia de anjos e demônios*. O confrade Colon está saindo inteiramente da realidade! Kardec *NÃO ESPOSOU*, não encampou a concepção teológica de *anjos* e *demônios*. Não! A interpretação de William Colon, nêste ponto, está muito forçada. Eis aí uma das supostas contradições de Kardec, citadas no livro de William Colon. Ora, Kardec limitou a sua colaboração pessoal ao esclarecimento da questão, isto é, fez sentir o que significa a idéia de «anjo» e «demônio» à luz do Espiritismo. Simplesmente isto. Leia-se a questão n.º 128, no *Livro dos Espíritos*, e será fácil verificar a interpretação sensata que Allan Kardec deu à velha concepção de anjos e demônios.

Está bem claro, pois, que Allan Kardec *NÃO ADMITIU A EXISTÊNCIA DE ANJOS E DEMÔNIOS*. O Codificador procurou tornar clara a interpretação espírita, justamente para evitar que o excesso de misticismo introduzisse «anjo» e «demônio» no corpo da doutrina espírita. Onde fica, depois disto, a contradição de Allan Kardec? Interpretar uma crença não é concordar com essa crença. Diz, ainda, o confrade Colon que muitos espíritas supõem que são de autoria do próprio Kardec algumas comunicações atribuidas a *santos* da Igreja Romana e reproduzidas em livros da Doutrina. Não é exáto. Nunca ouvi um espírita dizer que aquelas comunicações são de Kardec, mesmo porque seria um contra-senso, pois o Codificador estava presente, em pessoa, a todas as etapas de elaboração da doutrina, e teve o rigoroso cuidado de fazer experiências com diversos médiuns. No próximo artigo teremos a questão das provas e expiações.

DEOLINDO AMORIM.

(Continua).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Religião e Ciência

CURAS DE OBSESSÕES

— X —

Reunidas na séde da referida Sociedade, as pessoas indicadas, na hora combinada, convidei a zeladora do prédio, médium sonambula, para nos auxiliar na sessão que iamos realisar. Em um compartimento pequeno, a médium sentou-se em uma cadeira apropriada e após a préce que fizemos entrou em transe, incorporando-se nela em seguida um espírito violento que se apresentou, indagando:— O que é que querem de mim? Respondemos-lhe: - Deus permitiu que o irmão aqui viesse para travar conosco relações de amisade. A resposta foi imediata: — Qual Deus, qual nada; aqui vim porque quís. Esta que aí está é minha cunhada e aquela alí é minha filha. Tenciono liquidar a primeira para depois fazer o mesmo com a segunda.

Insistimos numa préce, implorando para êsse espírito a misericórdia divina. Tendo o mesmo se mantido silencioso, durante essa préce, quando esta finalisou, exclamou:—Meu Deus, que luz é essa que estou vendo? E retirou-se.

Encerrada a sessão a Senhora e sobrinha, receberam um tratamento de passes e se retiraram para seus domicílios.

Haviamos combinado nova sessão para o dia seguinte, na mesma hora. Assim, nêsse dia, ao penetrarmos na séde da referida Sociedade, alí já encontramos essa Senhora e sua sobrinha. Ao cumprimenta-las, a Senhora, muito alegre nos informou que conseguira dormir a noite passada, o que não acontecia há mais de três mêses.

Diante dêsse resultado concluimos que a doença nervosa dessa senhora, provinha de uma obsessão.

Reunimo-nos no compartimento já descrito e com a mesma médium. Aberta a sessão com fervorosa prece, o espírito se comunicou em pranto, exclamando: — Minha filha, quanto mal eu estava fazendo a essa gente que tanto bem te tem feito? Dominado pela inimisade que nos separaram, quando estive reencarnado entre vós, projetei vingar-me de vocês. Arrependido do que fiz e compreendendo, agora, que existe Deus, peço que me perdoem.

Tivemos que realizar mais uma sessão, afim de que nela pudesse tomar parte o marido dessa senhora que viajara para Franca.

Nessa sessão, que se realizou dois dias depois, a reconciliação se realizou entre o espírito obsessor, sua vítima e demais membros da família. A cena foi comovente. A médium ficou com parte de suas vestes molhada pela abundância das lágrimas que derramou.

Como resultado final, a obsedada ficou radicalmente curada, sendo que os demais membros de sua família se tornaram crentes espíritas e devem se encontrar residindo na cidade de Franca.

3.ª CURA

Moça que exercia a profissão de costureira, de origem italiana, ela como sua família professavam a religião católica. Adoeceu repentinamente. Febre alta, tendo perdido a fala poucos dias depois de adoecer. Cinco médicos foram chamados para tratá-la. No entanto, os medicamentos que lhe receitaram não conseguiram debelar a febre e fazer cessar a sua mudez. A chapa radiográfica tirada por especialista revelara que os órgãos da garganta estavam perfeitos.

Afinal, o pai da moça desesperado em conseguir a cura da filha com os recursos que empregara, a conselho do último médico que a tratara, resolveu recorrer ao Espiritismo. Procurou-nos, expondo em todos os seus detalhes, o estado em que se encontrava sua filha. Fomos vê-la à tarde do mesmo dia em que recebemos o apêlo dêsse pai aflito. Estava a moça deitada em seu leito com os membros do corpo rígidos e na insensibilidade de uma mudez inexplicável.

Ante êsse quadro de sofrimento, re-

solvemos de acôrdo com sua família, realizar à noite dêsse mesmo dia uma sessão mediúnica. Com duas médiuns, sendo uma sonâmbula, que atenderam ao nosso convite, nos reunimos no quarto da doente. Aberta a sessão, poucos instantes depois ocorreu o fato extraordinário! Na médium sonâmbula é incorporado um espírito perturbado e violento. Em seu leito a doente ergue-se e apontando para a médium em transe, exclama: — E' êle, estou vendo-o com os seus óculos.

Estava, pois, descoberta a causa de seu mal. Ela se levantou e falou, o que não conseguia fazer desde que adoeceu. Tratava-se, assim, de uma obsessão.

Indiscritível foi a estupefação que observamos nos seus familiares com a evidência do mal que afligia a moça.

Iniciada nêsse mesmo dia a doutrinação do espírito obsessor, que era máu e violento, a doente começou a melhorar recuperando completamente a fala. A febre que se mantinha em caráter permanente também desapareceu. Na continuação dêsse tratamento em sessões posteriores realizadas durante mais de dois mêses, dado o propósito vingativo do obsessor, foram se esclarecendo, em todos os seus pormenores, os precedentes da obsessão. O espírito obsessor, quando reencarnado, era funcionário ferroviário e usava óculos. Tornara-se noivo da referida moça. Pouco tempo depois ficou tuberculoso e o mal lhe atacou a laringe. A moça, de conformidade com a vontade de seus pais resolveu desmanchar o noivado. Êle foi removido para Uberaba e ali faleceu alguns mêses depois, tendo perdido a fala na fase final da moléstia que o vitimou. Morreu sem se conformar com o fato de sua noiva ter desmanchado o noivado e nela concentrou, por êsse motivo, um ódio profundo. Ao desencarnar procurou-a para se vingar. Sendo ela médium sonâmbula com facilidade conseguiu apoderar-se de seu corpo, neutralizando a ação de seus órgãos vocais e transmitindo-lhe a febre da moléstia que o vitimou, impregnada, como certamente estava, no seu perispírito. A moça, como êsse espírito, tiveram que passar, como se presume, por semelhante provação para resgate de faltas.

Em conclusão: essa moça ficou completamente curada e se encontra casada, residindo em Uberlândia, Estado de Minas, sendo seu marido espírita convicto.

4.ª CURA

Moça casada, residente em São Joaquim da Barra, São Paulo. Seu marido era proprietário, ali, de um bar. Não era espírita. Foi nos procurar em nossa residência. Atendendo-a tratamos de ouvi-la. Contou-nos que sofria de uma moléstia nervosa, que não lhe permitia dormir há muitos mêses. Seu marido, acrescentou, já havia gasto milhares de cruzeiros com o seu tratamento. Aconselharam-na, pessôas conhecidas, a procurar consultar no Rio um especialista em moléstias nervosas. Devido, porém, às grandes despesas que vinha fazendo com seu tratamento, seu marido não dispunha mais de recursos para tomar essa providência.

Na suposição de que o mal dessa moça pudesse ter como causa influência espiritual, aconselhei-a a comparecèr ás sessões das Legionárias do Bem, que se realizavam ás 5.ªs feiras na séde da Sociedade União e Caridade.

Atendendo ao nosso conselho, ela compareceu nêsse mesmo dia, que era 5.ª feira, à sessão que ali se realizou.

Sentada em uma cadeira próxima à mesa onde se encontravam os médiuns, teve ocasião de observar logo de início a manifestação expontânea de um espírito sofredor, o qual se dirigiu à diretora da sessão, esclarecendo que viera ali acompanhando sua filha a qual se achava assistindo a sessão. Deu o nome da filha. Esta surpreendida com a revelação, caíu em pranto. Doutrinado êsse espírito, êle explicou que não conhecera até então o seu estado na vida espiritual; que se ligara à filha pela grande amizade que lhe dedicava, sem imaginar que pudesse estar prejudicando a sua saude. Prometeu deixá-la, rogando a mesma que o perdoasse. Pediu preces e retirou-se. Após o resultado dessa sessão essa moça ficou completamente restabelecida.

—

Os fatos que acabamos de relatar são bastante conhecidos em Ribeirão Preto entre os sócios antigos da Sociedade União e Caridade e de outras sociedades, ali sediadas, bem como por pessoas relacionadas com as famílias das que foram curadas de obsessões nas condições que descrevemos.

Não mencionamos as datas exátas em que se deram essas curas por não ter-

mos feito as anotações necessárias no tempo em que ocorreram. Entretanto, atestamos a sua veracidade com os pormenores que divulgamos.

Curas como essas já se realizaram e continuam a se realizar nos Sanatórios, Hospitais e Centros Espíritas, em todos os Estados do Brasil, bem como em muitas outras nações.

E' o Cristianismo, como religião e ciência, que o Espiritismo restabelece, através dessas provas incontestáveis, para que se possam cumprir as palavras de nosso Divino Mestre, a propósito das curas que realizou: «O que eu faço vós também podereis fazer e ainda muito mais».

ALBERTO LOPES.

(Conclusão do capítulo X).

O DESCORTINAMENTO DOS SEGREDOS DA MATÉRIA

V. O. CASELLA

NO devassamento do seio da matéria, Crookes foi um dos investigadores vanguardeiros, revelando o caminho para as primeiras sondagens dos segredos ocultos no interior da cidadela atômica. O fato deu-se quando o genial sábio pesquisava os misteriosos raios catódicos, que atravessavam, de um polo a outro, o interior dos famosos tubos de sua invenção. O incansável pesquisador, convencido de que essas misteriosas partículas luminosas não eram luz comum, descobriu que elas eram desviadas, na sua trajetória, por um forte campo magnético. Apesar desta importante revelação, Crookes ainda desconhecia a verdadeira natureza dêsses raios catódicos, sugerindo tratar-se de um quarto estado da matéria. Logo mais, J. Thonson, seguindo as pesquisas de Crookes, sôbre êsses misteriosos corpúsculos luminosos, que eram influenciados por um campo magnético, conseguiu revelar sua massa, cuja carga exáta, mais tarde, coube a Milikan descobrir com o seu célebre método da gôta de óleo equilibrada. Nestas alturas já estava esclarecido que os misteriosos raios catódicos eram partículas sub-atômicas, sendo elas batisadas pela denominação de eléctrons, pelo Dr. Johnstone Stoney. Assim, nessas primeiras investidas no descortinamento da área intratômica, ficara evidenciado que êsses misteriosos raios catódicos eram feixes de partículas negativas dos átomos, e não um quarto estado da matéria como justificadamente a princípio sugerira Crookes. Mas nêsse setor a ciência consagrou êste saudoso sábio pela sua descoberta do desvio dos raios catódicos pelo magnético, cujo feito abrira as portas de uma nova era eletrônica, levantando a primeira ponta do véu que vedava os limites da fortaleza atômica. Com isso, entre tantos outros feitos, êsse pertinaz pesquisador contribuiu eficazmente para a marcha da ciência para o interior do último reduto da matéria.

Hoje, a área intratômica já se acha invadida pelos pesquisadores atuais, e nessa marcha invasora de uma partícula a outra, indicados pela equação einsteiniana, os investigadores conseguiram ultrapassar as fronteiras onde se encontram a matéria e energia.

E nêsse devassamento do interior atômico, para desaponto dos advogados do materialismo, os cientistas nada encontraram que pudesse justificar os conceitos materialistas, sôbre a origem da nossa vida inteligente no seio da matéria.

Os verdadeiros fiéis não são aqueles que mais assiduamente frequentam esta ou aquela igreja, mas sim os que agem conscienciosamente de conformidade com seus íntimos pensamentos.

Ser infiel, por conseguinte, não é descrer dêste ou daquele dogma ou princípio admitido como verdade, ainda mesmo que de fato o seja; ser infiel é mentir à sua própria consciência, é proceder em desacôrdo com seu fôro íntimo.

Dentro das pròprias igrejas, portanto, podem existir infiéis; da mesma sorte há verdadeiros fiéis no meio dos incrédulos.

Êstes últimos estão mais perto de Deus e de sua Justiça que aqueles outros. — VINÍCIUS.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XV Capítulo
Na Rua da Conceição

1) Na manhã seguinte de nossa mudança, tia Odilia correu a avisar-me, assim levantei-me: «Minha gente, ali perto, tem um pé de cajazeira que põe os galhos fóra da cêrca do quintal, jogando muitos cajás no chão. Dizem que aqueles cajás fazem mal... Digo-lhe para preveni-lo.

2) Fariam mal mesmo?

Corri a experimentar. E chupei muitos cajás.

3) O lugar era triste, as casas úmidas, as pessôas de aspecto doentío. Nós teriamos de aumentar a tristeza do lugar e das casas. Caí de impaludismo. A princípio, o frio chegava levemente, suavemente, gostosamente. Mas depois agravava-se. Ficava a tremer de frio, em pleno sol, os queixos sófregos, trementes, tirintantes os dentes. E uma vontade esquisita: ora de ver aquilo passar, ora para aquilo não acabar nunca!

4) Tive que entrar no quinino. Quinino até no café. Quinino na comida. Quinino em pilulas. Quinino de todo jeito.

5) Passou, efetivamente, a tremedeira das sezões. Mas, nunca mais tive figado são, funcionando bem. E passei a detestar, por muito tempo, o café, tal foi o meu enjôo do quinino!

* * *

6) Uma noitinha, eu acabava de sair de um ataque de impaludismo. Batem; fui abrir. Era o Sr. Barauna. Cumprimentou-me, risonho, a gracejar.

— Que quer o senhor aquí? que veio fazer em nossa casa? minha mãe não gosta do senhor...

— Obrigado, meu filho! Eu vim trazer um recado de minha mulher a sua mãe. Ela está?

7) Deu seu recado e saíu.

8) Nunca soube o que foi ódio. Nunca odiei ninguém. Parece, entretanto, que aquilo contra o seu Barauna, foi ódio infantil que eu senti.

* * *

9) O *Engenho da Conceição,* presídio de penitenciários, realizava umas feiras de objetos feitos pelos presidiários. Trabalhos principalmente de chifres, de madeira, de ossos...

10) Minha mãe foi, um domingo, pela manhã, à feira do Engenho. E deu lá com uma velha conhecida de Cêpa Forte, a Demetra. Contou-lhe suas angústias, seu sofrimento, sua vida.

11) Compadecida de nós, e grata ao que se lhe fez em outras épocas, convidou-nos a Demetra para passarmos alguns dias em sua casa, à Ladeira do Unhão.

12) A casa era pobre, pequena, habitada por dois cabos da polícia e suas esposas: o marido dela, o cabo Amaro, e o outro, Antão Araujo, esposo de uma prima longe de minha mãe.

13) Aceito o convite, deixou-se a casa e partimos todos pata lá.

14) E lá, eu iria ficar bom, completamente, do impaludismo. Mas, teria que apanhar, depois, um sarampão dos diabos!

15) E satisfiz, ainda, um velho desejo meu: andar de bonde. Quando me vi sentado, ao lado de minha mãe, no carro-motor, que veio até nós o condutor, cobrar a passagem contra uma senha, — *o bond* — a dizer: *Faz favor! faz favor!* — que vontade a minha de crescer, de crescer logo, rapidamente, imediatamente, para ser condutor de bonde!

16) Ser condutor de bonde, na Bahia, e ser soldado, como o Antonio de Lirio, de Pernambuco — valente e respeitado, boné de dois bicos com uma bola de fios de lã encarnada, pendendo do bico da frente, foram, na verdade, as duas coisas que, na infância, eu desejei ser, quando fosse grande...

17) E, grande, cheguei a ser coisas bem mais elevadas do que soldado da polícia e condutor de bonde. Cheguei aquilo a que me arrastou o destino, sem eu nutrir preferências por profissão nenhuma...

Nunca soube para que nasci!...

* * *

18) Do Unhão conservo ainda cinco lembranças fortes; 1) uma das primeiras

impressões de história de Espíritos de que já falei; 2) Meu trabalho na *Fábrica Meuron*, de cigarros baratos, onde trabalhei juntamente com minha mãe, tia e outras pessoas da família; 3) do Mercado à beira mar, sujo e com um cheiro acre de marezia; 4) da praia lá em baixo, suja sem areia, a que as ondas fortes traziam frutas—melancia e abacaxi—que eu apanhava e as aproveitava comendo-os; 5) Do *Quartel dos Aflitos*, lá em cima, a que serviam os dois, o Amaro e o Antão.

19) Eu ia a miude ao quartel da polícia, passando sempre, na ida ou na volta, pelo *Passeio Público*. Aí, devorava mangas, que as mangueiras atiravam ao chão. Muitas por amadurecer. Foi, então, que apanhei o *sarampão*, enchendo-me, agora, de chás de sabugueiro.

20) E, no quartel, eu além de participar, também, da *gogoroba* dos praças arranchados, ainda mexia nos velhos arquívos, tirando de lá muitos números de extintos batalhões. *Números* de que eu me serviria, em Plataforma, para organizar minhas brincadeiras de batalhão...

21) A Demetria me torturava, ás vezes, com sua dureza de coração. Como vivia às suas sôpas, por vezes dizia ela:

— Eu ia servir a comida. Mas, como não tenho quem lave os pratos...

— Eu lavo os pratos! Quer que eu lave os pratos?

Ela sorria e botava a comida.

* * *

22) Um dia, chegou a mãe da Demetria, a Maria Joana, que morava em Plataforma, vivendo maritalmente com um criolo alto, magro, feio, espadulado, beberrão, chamado Paulo França. Êle gostava muito de dançar à umbigada com visinhos e de cantar coisas de dança.

23) Sugeriu-nos a Maria Joana que todos nós fossemos para Plataforma. E dizia, sugestiva: «Vamos para lá. Tem uma fábrica de tecidos e outra de calçados. O mar fica perto. Muito peixe e muita gente trabalhando. As casinhas são pequenas e baratas. A gente paga o aluguel das casas trabalhando e sem sentir. Vamos para lá que vocês vão gostar...»

24) Fomos, efetivamente, residir em Plataforma, que foi dos lugares todos em que morei, em criança, o que mais me deixou, apesar de tudo, gratissimas impressões...

Qual a verdadeira atitude de Judas, ao trair Cristo?

(A PROPÓSITO DA SEMANA SANTA)

Pelo que o meu fraco raciocínio alcança, acredito que a atitude que o nosso irmão Judas tomou ao trair Cristo, foi motivada pela ignorância, causa de todos os desatinos da humanidade sofredora. E qual foi o seu ponto de vista ao trair Cristo? Para isso responder vou citar algumas palavras do escritor patrício Humberto de Campos que, como jornalista e reporter do Além, nos mimoseou com o interessante livro de sua autoria «Crônicas de Além Túmulo», psicografado pelo conhecido médium mineiro Francisco Cândido Xavier.

Deduz-se, pelas palavras de Judas, no citado livro, que foi a política, como em todos os tempos, que o levou à prática da traição ao Divino Mestre. Espírito evoluído, que já passou por várias existências depois do erro que cometeu há quasi dois mil anos, Judas costuma vir à Terra nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho. E foi há poucos anos, na própria Cidade Santa, que Humberto de Campos o entrevistou. Dentre outras coisas, Judas dizlhe o seguinte: «Ora, eu era um apaixonado pelas idéias socialistas do Mestre; porém, o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a política, única arma com a qual poderia triumfar e Jesus não obteria nenhuma vitória com o seu desprendimento das riquezas. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder, já que, no seu manto de pobre, se sentia possuído de um santo horror à propriedade. Planejei, então, uma revolta surda, como se projéta hoje em dia na Terra a quéda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário e eu arranjaria colaboradores para uma obra

vasta e enérgica, como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxencio ás portas de Roma, o que, aliás apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentável e, ralado de remorsos, presumí que o suicídio era a única maneira de me redimir aos seus olhos».

Como vimos nas linhas acima, Judas está bem ao par da política terrena e dos muitos Judas nela contidos, creio eu. Política, ambição de poder e de riquezas, eis o que perdeu Judas, hoje um Espírito de Luz, que, se conosco se comunicasse, poderia nos dizer:

«Amigos e irmãos meus: Muito é o que tenho padecido, passando por existências várias, mas o muito que tenho sofrido, comparado ao reconhecimento e assombro que me vão n'alma, nada é. Pois que! não foi Êle mesmo, a quem tão miseravelmente persegui que, nestas plagas, me estendeu as suas mãos amigas, envolvendo-me na atmosféra pura do seu Amôr?!

Sim, foi Êle, é Êle que agora me conduz amorosamente. E' Êle que, projetôr da Verdade Divina, expande sôbre a sombra do passado os jôrros magníficos de sua Luz esclarecedora! Êle é o nosso Mestre, Êle nos quer participantes das felicidades siderais e eu sou, graças a Êle, um dos inúmeros a serviço dessa Causa Divina!

Meus irmãos: Todos nós fomos criados perfectíveis. Jamais alguém entrou na vida perfeito e cumulado das luzes da sabedoria. Á nós incumbe o trabalho de conquista da felicidade, que é a perfeição. Mas para lá chegarmos temos que atravessar a fase da inciência ou ignorância, e é dentro dêste estado que poderemos agravar ou amenisar os nossos dias futuros e eu fui um dos que agravaram, abusando da lei da liberdade com que nos dotou o Supremo Legislador.

Jesus, porém, de mim se apiedou, porque do seu amor jamais exclúe siquer um só dos seus irmãos. E eis que, tomando-me ao serviço da sua divina labuta, me envia a testemunhar-vos a grandeza infinita da misericórdia de Deus».

E' o que nos diria atualmente o nosso irmão Judas, se conosco se comunicasse.

José Arantes de Mello.

Rio Claro, 27/3/56.

O Sinistro do Quadrimotor

Tte.-Coronel Levino Cornélio Wischral

Durante a sessão de sofredores, no Centro Espírita da Rua Iguaçú, incorporou-se um espírito em condições de profundo desespero chegando a arrancar sentidas lágrimas dos presentes. A médium Tina fielmente traduzia o penoso estado de choque do irmão visitante.

Pouco falava. A dor excedia-lhe o poder de raciocínio. Esquecera seu nome, contudo, recordava ser um aviador norte-americano, ignorando, porém, a sua condição de espírito sem o corpo físico e a razão de estar, ali, entre desconhecidos.

Pelo desenrolar do fenômeno mediúnico teve a assistência a impressão nítida de estar presente a um pavoroso sinistro de algum avião de passageiros, tipo «President», que se chocára com o sólo em plena mata virgem.

Os gritos lancinantes aliados ao estado convulsivo do aviador, que confuso ainda parecia transmitir ordens a subordinados seus, bem revelavam os terríveis momentos de alguém que, trágicamente, é devorado num mar de gazolina em chamas.

Após ingentes esfôrços do doutrinador, rogaram os mentores invisíveis uma ajuda mais eficiente para o irmão em penosa aflição. Sem demora, vindo de esféras mais elevadas, atraída pelo pranto filial, deu entrada no recinto a progenitora que falecera muitos anos antes. Achava-se envolta em largo e esplendido halo de luz que deslumbrou, fazendo agora chorar de alegria e admiração, aquele que, momentos antes, se debatia no cáos da confusão.

Qual autêntico milagre foi o nosso piloto voltando à calma, enquanto se convencia de que, também, já passára a habitar o plano espiritual. Como que para se despedir lançou, estarrecido, um último olhar para seu próprio corpo que jazia no sólo, dilacerado, inerte e horrivelmente queimado.

Semelhante a feliz epílogo teatral observamos, enternecidos, mãe e filho abraçados, numa encantadora efusão de beijos e doces recordações. Volitaram, ambos cheios de júbilo, como luzidío cortejo nupcial, em direção às novas moradas celestes atraídos pelos sons melodiosos e sublimes da Tocata do Despertar e, completando a comitiva vimos os demais tripulantes e dezenas de passageiros do avião sinistrado.

A assistência, sem siquer enxergar o que se passava no espaço, intuitivamente viveu também aquele magistral encontro, pois que, entre suspiros de alívio passou a render graças a Deus. O ambiente agora retornava à sua tranquilidade habitual.

O guia espiritual, utilizando-se do médium Hercílio, incorporou-se para as devidas instruções e ensinamentos relacionados com o caso em apreço, começando por dizer: a Justiça de Deus é universal, perfeita e imutável; ninguém desobedece impunemente a Lei do Amor do Pai sem que não venha a sofrer as consequências; a criatura que perturbar ou transgridir o rítimo divino do equilíbrio e da perfeição será obrigada, pela dor física ou pelos tormentos morais e espirituais, a tudo recompor até o último til ou até o último pontinho do i; que, finalmente, a Lei de Justiça se processa através de reincarnações, tantas quantas forem necessárias, não importando o número de anos ou séculos gastos para que seja atingida a quitação plena.

São erros praticados em séculos idos e que o tempo procura extirpar pela dor, caso não o faça pelo amor. Pela ação e pela reação somos impulsionados no caminho da evolução, tal como medonha tormenta, acompanhada de raios, chuva e ventania, agita e sacode a árvore frutífera até as raizes para, logo em seguida, premiá-la com folhas novas, enfeitá-la com flôres, afim de oferecer ao homem os gostosos e sazonados frutos, resultados de sua dor.

Dessa sentença não escapa o nosso piloto, trazido propositalmente para êste recinto.

Todas as nossas vidas, através do tempo e do espaço, abrangendo ações, atos, atitudes e até os bilhões de pensamentos lançados no éter desde a formação milenária da alma ao momento atual, são fielmente estereotipados, sem possibilidade de omissões; diriamos, são — eternizados.—Êste gigantesco e complexo repertório enfaixa constantemente a criatura e constitui, o que poderiamos chamar, — o seu indestrutivel arquívo. Quando solicitada esta ficha-arquívo, ela se apresenta vertida em imagens a desfilar com todas as minúcias, sôbre téla viva, tipo cinematográfica, onde se reproduzem, instantâneamente, todas as vidas transátas. A téla revive, então, todas as existências de forma movimentada, colorida, sonora, visível nos mininos detalhes; aparecem, inclusive, os turbilhões de pensamentos, porém, materializados, isto é, perceptiveis e palpáveis. Basta uma fração de minuto para encerrar a amplitude das existências intensamente vividas durante centenas de anos, ou séculos. Esta fugaz fração de tempo, do perpétuo ou do sem-fim, contém a nossa «toda-existência», e, dá-nos uma idéia, muito por alto, do tão falado «eterno-presente», cuja magnificência ainda não podemos concepcionar, nem de leve entender.

Agora, o guia espiritual, usando entonação diferente, algo humorado, desejando ser ouvido, pelos costumeiros cochiladores da sessão, continua relatando: Vejamos os elos que ligam o nosso piloto à suas vidas passadas! Falaremos, caros irmãos, dentro de poucos instantes, de piratas mas, perdõem-me, não dêstes que as escrupulosas mocinhas casadouras costumam repelir aos gritos de—sedutor barato ou confiado!—durante um sarau ou a projeção de algum filme malicioso. Não! O nosso pirata é aquêle que os dicionários definem como salteador dos mares, ladrão maritimo.

Sem demora pudemos ver, nitidamente, na téla da eternidade, o piloto milionário do ar, louro, alto, elegante, culto, uniforme impecável, figurino modêlo 1952.

Enquanto o apreciavamos, atualizado, eis que êle se apresentava, ao mesmo tempo, surgindo do recuado e envelhecido século XIV; vemo-lo rodeiado por estulta marinhagem em inóspito litoral da len-

dária Argélia como chefe de valhacouto de piratas.

Defrontam-se, para as devidas comparações, duas épocas afastadissimas, uma o apogeu do civilizado ano 1952 e outro o vetusto 1377 da Idade-Média; perplexos notamos que os protagonistas eram os mesmos dos que modernamente se relacionavam com a viagem do quadrimotor. As fisionomias idênticas, formas físicas pouco diferentes. O capitão aviador era aquêle capitão pirata daquela remota Argélia; facilmente identificamos os atuais tripulantes e passageiros da aeronave de luxo como seus auxiliares e subordinados do veleiro corsário dos tempos distantes.

Mergulhamos por minutos no século XIV!

Vemos, ali, o nosso elegante piloto como chefe bárbaro, sanguinolento a dirigir o reduto infernal. E' êle o usurpador insaciável, a lei única e também o carrasco insensível. Êle e os seus lá estão de fisionomia repulsiva, como nas historietas de quadrinhos, são salteadores, de peito aberto, largo chapéu bicórneo com o característico distintivo—a caveira e as duas tíbias em cruz, túnica larga multicor, calça bombacha e botas altas. Bravios e ligeiros como indomáveis féras, de continuo assaltam países, cidades e navios. Como valentes espadachins manejam firmes a espada de punho lavrado, em pedras preciosas e ouro. Apreciam o crime, as esmeraldas, os luzidios diademas de ouro encrustados de perolas raras e preferem o impetuoso amor de mulheres embriagadas; as bacanais sem fim e os libertinos rega-bofes onde bebem e comem, ávidos, como esfaimados animais em macabros festins.

O mar azul, revolto e perigoso é sua pátria costumeira; assassinar e roubar suas índoles; sangue, rapinagem, raptos e violências sua linguagem. Quando partiam para o alto mar, no afã da rapinagem, deixavam festivos seus refúgios, assim como as diligentes abelhas partem de seus cortiços em radiante manhã de sol. Singrando águas profundas, lá se iam, prôa em riste, os veleiros e as naus de alto bordo, apontando suas bocas de fogo como ouriço-espinho provocado, à cata de navios mercantes. Armavam-se até os dentes; o arsenal sempre repleto de chuços, azagaias, alabardas, mosquetes, arcos, espadins e arcabuzes, armamento que não raro fazia temer as mais poderosas armadas. Seu roteiro era assinalado por estigmas profundos gravados com ferro em brasa; muitos morriam de susto ao se aproximarem aquêles tigres maritimos.

Nessa configuração ia a téla revivendo o piloto e sua marinhagem, exumando-os dos velhos séculos, justamente os que pereceram, como civilizados turistas, em 1952.

Intervem agora, a justiça divina, representada pela «Lei de Causa e Efeito», ergue sua voz e exige reparação. Ela brada: — chega!

Os nossos personagens são chamados às contas; sempre unidos, passarão à colheita obrigatória de suas semeaduras.

Os mestres karmicos fazem soar o toque de reunir; uns e outros podem estar mui distantes, porém são atraídos, como no passado, afim de, compulsòriamente, tomarem parte em catastrofes de provas expiatórias. Eis, como são vistos em sucessivas encarnações:

Lá os vemos, como cristãos inocentes, em França, Hespanha e Portugal, curtindo indescritíveis suplícios nas câmaras de tortura da Santa Inquisição. Logo em seguida distinguimos os ex-piratas, meditativos e tristes, nas vestimentas clericais em mosteiros e conventos. Em outra encarnação observamo-los morrendo por asfixia em medonhas enchentes e maremotos. Agora são vistos algemados, doentes e esfomeados em fétidos porões de navios negreiros. E a colheita continua, ao toque de reunir, associando-os em país civilizado, como opulentos banqueiros e industriais, para, através de graves quedas financeiras, tudo perderem quando mais prósperos se achavam — todos foram atirados às sargetas da miséria. Quasi sempre era a água e o fogo, nas demais encarnações, o instrumento precioso que tudo reduzia ao nada; tinham que perder tudo, e pagar por êste meio o produto de rapinagem de épocas decorridas. Um dos últimos quadros se apresenta na téla: — eis o naufrágio de grande transatlântico arrastando para as profundezas oceânicas todos os tripulantes e passageiros; nenhum consegue salvar-se. Nós que assistiamos o panorâma do afogamento, daqueles orgulhosos e soberbos passageiros, fomos tomados, por alguns momentos daquela terrível sufocação, sentindo a mesma agonia dos que se submergiam nágua.

E o último pontinho do i foi-lhes, enfim, descontado, ao viajarem, mais uma

vez, todos reunidos em luxuoso e veloz quadrimotor, como costumavam velejar em suas naus, temidas e audaciosas, do século XIV. Desta vez não iam em revoada de rapinagem, iam a passeio, como turistas alegres, quem sabe para, inconscientes, reverem os antigos locais de seus crimes.

Acomodados, confortavelmente, espreguiçavam-se nas macias poltronas do magnífico aparelho, que rápido e sereno deslizava sôbre a Serra do Roncador por entre nuvens azuis.

Tudo indicava boa e tranquila viagem quando percebemos que a aero-moça procurava disfarçar algo sério e esquisito. Começa a piscar como para desanuviar alguma coisa, desejosa de melhor enxergar. Quasi que desmaia, era-lhe impossível acreditar no que seus olhos viam dentro do quadrimotor, quís recuar, quís fugir, mas para onde ?

E a aeronave continuava plácida a cortar os céus; os passageiros e tripulantes estavam calmos e mergulhados num silêncio significativo. Eis, quando, percebemos que a moça esfregava seus olhos esbugalhados, assombrada, seus pensamentos projetavam-se no ar; pudemos ler o que pensava: — E' impossível! Enlouqueço!! pretendia gritar...

Vejamos nós, através dos olhos clarividentes da aero-moça: — o comandante, os tripulantes, os passageiros, e ela própria, mais uma vez estavam reunidos naquele moderno quadrimotor, porém, todos trajados à moda século XIV, todos ali estavam, sem que o soubessem, naquelas antiquadas vestiduras de piratas, com aqueles mesmos chapéus largos e bicórneos, armados de azagaias, chuços, arcabuzes e calçando altas botas até os joelhos.

Era de estarrecer; lá estava a moça tremula e lívida amparada por amigos invisíveis.

Nós, os espíritos guias, raramente conseguimos apreciar cenas como estas. Fixando o estranho conjunto de corsários vimos, quando se aproximou, o mais terrível instante de suas vidas. Agora é o piloto, o nosso piloto, que sente o sangue fugir-lhe da cabeça, passa ainda a mão pela face suarenta, ofuscam-se-lhe os olhos, entra em vertigem e o potente quadrimotor rápido perde o governo.

Logo após o estrondo, que abalou a mata virgem, altas línguas de melancólicas labaredas procuravam a abobada celeste para testemunhar que mais um resgate coletivo se processava.

Como patético lembrête, destinado ao «orai e vigiai», permanece, lá em baixo, a clareira escura de mau agouro, no meio da floresta verde.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

Palavras sôbre o PRIMEIRO, A TRAVE DOS TEUS OLHOS...

O prof. Newton Gonçalves de Barros já nos tem dado seus originais para ler. Mas, sua impaciência e nossa displicência não nos tem permitido a leitura inteira de nenhuma de suas peças anteriores.

Desta vez, lemos, entretanto, todo o seu PRIMEIRO, A TRAVE DE TEUS OLHOS...

Aliás, por imposição do autor, que nos disse ao telefone, mais ou menos:

— O calor aí, no LAR DE JESUS, está forte de mais? E você quer quebrá-lo com a leitura de um original que exige a sua apresentação? Trata-se de um livro destinado, principalmente, a preparar os moços para o conhecimento das coisas da reencarnação, no desejo sincero de espiritualizar essa mocidade que...

* * *

O livro veio. Folheamo-lo. Duas surpresas, para logo, nos assaltaram o espírito: seu título e sua dedicatória.

O título dá-nos a idéia de um livro doutrinário, evangélico, conceituoso, elaborado á feição de um compêndio de moral evangélica, para educar e convencer os moço. E *engenho e arte* não faltam ao autor para elaborar coisa assim...

Trata-se, entretanto, de um livro de contos. Se todos conservam o cunho espiritualista, nele se misturam a contos até regionais e românticos, um cunho de tragédia que até nos fez lembrar certo livro que publicamos, lá vão anos, com pseudonimo — PROSA DE CALIBAN,

— que levou João Ribeiro a alterar-lhe a designação para A FERRO E FOGO...

E a dedicatória a seus quatro filhos, que são nossos quatro sobrinhos mais queridos. Ora, mais do que justo que essa gente, hoje ainda miuda, veja, de futuro, num mesmo livro, o nome do pai e a apresentação do tio...

Isso até emocionou-nos, a seu tanto!

Só por isso, não poderíamos, de modo nenhum, deixar de atender ao imperativo amigo, recebido dentro de um dia de calor senegalesco.

* * *

Trata-se de um volume de dez produções.

Para nós, a primeira, é que devia abrir o livro, porque um conto puramente evangélico.

Teria o autor colimado seu alto objetivo? Aquele que nos disse ao telefone, que revela nos seus contos espiritualistas, a despeito de seu aspecto multiplico, desde a tragédia ao patriotismo, desde o regionalismo ao romantismo?

Não o sabemos.

Sabemos que é um livro de leitura agradável, atraente mesmo, cuja leitura enleia e atrae a gente.

Só nisto, ainda que lhe faltassem outros méritos, vale bem a pena que seja lido, e meditado e sentido.

Eis o que espera seu autor e o autor destas linhas.

Trabalho, Solidariedade e Tolerância

Dentro da trilogia do Codificador vamos trabalhar na estruturação do Congresso do 1.º Centenário do Espiritismo.

Não vamos substimar as obras subsidiárias, especialmente as produzidas por inspirados ou por cientistas; essas obras ilustram, aumentam a possibilidade literária, porém não devem ser lidas e comentadas nas sessões, e sim as de Kardec.

Nas nossas pregações, na qualidade de Secretário Geral de uma instituição de âmbito federativo, sempre reforçamos o dever de estudar-se as obras da codificação, especialmente o «Evangelho Segundo o Espiritismo» e o «Livro dos Espíritos». As que complementam a codificação merecem o nosso apôio, porém não aconselhamos aos nossos ouvintes seu estudo e respectivo desdobramento, porque o meio, na maioria dos casos ainda não está preparado para tanto.

Nossas assertivas encontram base nas diferentes reuniões nas quais havemos tomado parte, excedendo de duas centenas, e, na sua grande maioria os proselitistas se desviam do ponto por falta de conhecimento, ás vezes, até contra os postulados da doutrina.

Não há intenção alguma do orador assim proceder, supondo sempre que está orientando os seus ouvintes, porém a doutrina fica ferida por falta de conhecimentos do suposto proselitista. Nossas observações têm descoberto que se trata apenas de falta de conhecimento dos ensinamentos contidos nas duas obras especialmente acima referidas.

E' sob êsse prisma, é sob essa orientação que fundamentamos as teses de nosso 1.º Centenário, evitando para mais tarde a mescla infiltrada numa doutrina que sòmente os preparados espiritualmente abraçam e estimam, como tábua de salvação. Nada mais do que afirmar-se que o Espiritismo é a doutrina da consolação, da tranquilidade, das intenções boas; a prática vai demonstrando se os que abraçam o Espiritismo oferecem exemplo, solidificando assim o que se contém nos referidos ensinamentos, que são os mesmos de Jesus.

Todos nós sabemos o que aconteceu aos que foram em perseguição dos seguidores do Cristo, e, desprevenidos, procuraram Gamaliel. Receberam a resposta de que se a obra é dos homens, ela se desfará, porém se é de Deus, não queira o homem contender contra Deus.

Nossas fileiras se têm engrossado com as mais valiosas adesões, confirmando assim as palavras de Gamaliel, que tomamos para nós a respeito de nosso Congresso.

Albérico Bezerra Cavalcanti.

Recife, 23/4/56.

"Sessões de Sofredores ?..."

Tte.-Coronel FIORI AMANTÉA

GRAÇAS A DEUS! Sim, Graças a Deus, porque os artigos que estamos escrevendo parece que estão tendo boa receptividade por parte dos estudiosos da DOUTRINA ESPÍRITA. Várias são as cartas que recebemos e vários são os confrades que fizeram referência em jornais.

Como haviamos prometido, trataremos hoje das chamadas *«Sessões de Sofredores»*, que melhor seria si as chamassemos de *«Sessões de Caridade»* ou *«Sessões de Esclarecimentos»* ou simplesmente *«Sessões de Doutrinação»*. Essas sessões, infelizmente, desenrolam-se por aí em fóra a torto e a direito, sem um CONTRÔLE NECESSÁRIO e dirigidas, muitas vezes, por pessoas que nunca leram as OBRAS DE KARDEC e mui especialmente o LIVRO DOS MÉDIUNS. Porque muitos que se dizem Kardecistas não seguem a orientação dêste GRANDE LIVRO? Infelizmente, tem sido publicados muitos livros sôbre *Desenvolvimento de Médiuns* e êstes, ao que parece, é que tem desviado muitos dirigentes de sessões, do LIVRO DOS MÉDIUNS— que é a *Base do Verdadeiro Desenvolvimento Mediúnico!* Porque as FEDERAÇÕES não tomam providências afim de se evitar a saída dêstes livros que estão causando uma verdadeira confusão no Campo do Desenvolvimento Mediúnico? Continuamos a afirmar de *Viva Voz:* KARDEC É A BASE e SEM KARDEC NÃO HÁ ESPIRITISMO!!! Quem se der ao trabalho salutar de ler com atenção o LIVRO DOS MÉDIUNS, verá que lá se encontra o mais fertilizante manancial para o *Desenvolvimento Mediúnico!*

Além das OBRAS DO CODIFICADOR, que são A BASE DO ESPIRITISMO, deveremos ler, entre outras, as obras psicografadas por CHICO XAVIER e mui especialmente as de EMMANUEL, ANDRÉ LUIZ, HUMBERTO DE CAMPOS. O último livro de ANDRÉ LUIZ, «Nos Domínios da Mediunidade», é um repositório de sublimes esclarecimentos e os que dirigem «Sessões de Doutrinação», deveriam solver os seus salutares ensinamentos.

Um Opúsculo que recomendo, é o do Guia Ramatís: «Mediunismo». Recebido há pouco e tudo quanto dissemos em *«Educação Espiritual dos Médiuns»*, ali está bem explicado. Pois bem, temos observado que, nessas *«Sessões de Doutrinação»*, desenrolam-se as mais lamentáveis cenas. Isto acontece porque os Médiuns não têm uma *Educação Espiritual* e portanto, não sabem (ou não querem) controlar-se quando recebem um espírito sofredor. Por isso, acho que os Presidentes só deveriam fazer sessões dessa natureza quando possuissem alguns médiuns bem CONTROLADOS, afim de se evitarem *cenas dessa natureza.*

Outro ponto que julgo importante é o de se fazerem essas Sessões sem a assistência de pessoas, isto é, *«Sessões Reservadas»*, onde só o dirigente dos trabalhos e os médiuns deveriam estar. Poder-se-ia, em última análise, só permitir a presença de pessoas bem compenetradas da Doutrina e que, com seus pensamentos controlados, possam ajudar nessas ocasiões e *nunca permitir*, como se faz por aí em fóra, CENTROS que ficam à cunha, onde os Médiuns recebem espíritos a três por dois, fazendo uma algazarra infernal (não deixa de ser um inferno um lugar dêsses e depois quem sofre é o pobre do Espiritismo), onde homens e mulheres ficam espantados olhando para os Médiuns que fazem as encenações mais ridículas, jogando mesas e cadeiras no chão, soltando palavrões até de baixo calão, atirando-se no chão estertoricamente, soltando baba pela boca, cuspindo ou escarrando no chão, e ás vezes sôbre os assistentes, etc., etc. Agora eu pergunto: Está certo isso? ISSO É ESPIRITISMO...

Por isso e por outras é que muitas pessoas fogem do Espiritismo como se fugissem de um *fantasma* ou de um *louco*... Pudera, vão assistir a uma CENA dessas, às vezes pela primeira vez e saem de lá amedrontadas, trêmulas e acabam às vezes doentes. Nunca mais voltam a uma *Sessão Espírita*, por mais que pessoas bem compenetradas da Doutrina insistam com elas e digam que o CENTRO onde irão é bem orientado, etc. *«Deus me Livre»* respondem elas, *«Espiri-*

tismo é coisa de louco, é bobagem, é palhaçada».

Escreveu o «Irmão Saulo» no «Diário de São Paulo»: «PERIGOS MEDIÚNICOS» — «Os adversários do Espiritismo gostam muito de falar dos perigos mediúnicos. Ainda agora um articulista dêste jornal repetiu a velha afirmação de que os *Médiuns em geral, são pessoas doentias.* Há quem vá mais longe, declarando de uma vez por todas que os *Médiuns são psicopatas,* indivíduos *necessitados de internação Hospitalar,* e outras coisas do gênero...» (o grifo é nosso).

Êsse articulista a que se refere o «IRMÃO SAULO» tem toda razão. Êle foi com certeza assistir a uma das «SESSÕES DE SOFREDORES» a que me referi acima e saíu de lá *bem decepcionado* do que seja o ESPIRITISMO. Êsses Médiuns, na realidade, mais parecem *loucos varridos* e *pessoas doentias* do que *Intermediários entre os Dois Mundos!* Mas a *culpa,* continuo a afirmar, é dos *dirigentes de sessões* que não educam os seus médiuns! *Eduquem os Médiuns e obriguem-os a se controlarem.* Êles podem e devem se controlar e só fazem essas *palhaçadas* porque querem fazê-las!!! (ver meu artigo sôbre «EDUCAÇÃO ESPIRITUAL DOS MÉDIUNS»).

Vou finalizar, citando um fato ocorrido comigo. Em 1941, fui passar 30 dias na casa de meu mano Miguel (férias), em Avaré, neste Estado. Êle era Presidente de um Centro Espírita e eu, *Católico, Apostólico, Romano.* Um dia o Miguel tanto insistiu comigo para que eu fôsse ao Centro assistir a uma Sessão Espírita que acabei indo, mais por delicadeza do que por outra coisa. Para mim todos os Espíritas eram loucos e hoje, *Graças a Deus,* também sou *louco!* Feita a prece costumeira, iniciou-se a sessão, que depois vim a saber era «Sessão de Sofredores». Antes fecharam todas as janelas e portas e apagaram as luzes e acenderam uma pequena luzinha num dos cantos. A escuridão era quasi que total.

Meu irmão começou então a DOUTRINAR vários espíritos que baixaram nos Médiuns presentes. Uns choravam, outros batiam na mesa enfurecidos e um havia que (depois soube que era espírito de um padre) falava cheio de raiva e com vontade de esganar o meu irmão. Eu estava sentado entre dois amigos e olhava de vez em quando para as janelas e portas, pois estava com uma vontade louca de fugir, porque o medo que se apossara de mim, era indescretível. Estivesse uma janela ou porta aberta e eu não teria ficado até o fim da sessão, apesar de meu irmão estar dirigindo a mesma.

Agora eu afirmo: É UM ERRO E DOS MAIS GRAVES DEIXAREM qualquer pessoa assistir *«Sessões de Sofredores».* E' por isso que muita gente foge do Espiritismo!... Em vez de *«Sessões de Sofredores»,* nós devemos mostrar para a assistência *Sessões de Psicografia,* de *Incorporação* (mas com Espírito de Luz); devemos fazer leitura dos Livros básicos da Doutrina e mui especialmente o «O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO». E' um roseiral a fornecer sempre rosas mais perfumosas! Os Livros de EMMANUEL, de ANDRÉ LUIZ, de HUMBERTO DE CAMPOS, são maravilhosos e devem ser lidos e relidos nas sessões.

A *«Sessão de Sofredores»,* que meu irmão me fez assistir, não me convenceu em absoluto, e eu não quís mais saber de assistir outras por mais que êle insistisse. Continuei *Católico, Apostólico, Romano.* Meu irmão, ansioso para que eu ingressasse no Espiritismo, ofertou-me quatro obras de ALLAN KARDEC, porém, eu não quís saber de lê-las e nem me interessava a sua leitura Joguei-as dentro de uma mala e lá ficaram até que um dia a *Dor veio me visitar* (dor moral e não física, pois esta é preferível à outra), e eu iniciei então o estudo das OBRAS KARDECISTAS. Hoje eu digo: *Bendita Dor* que veio chamar-me para a ESTRADA LUMINOSA DO ESPIRITISMO!!! Felizes daqueles que penetram no ESPIRITISMO pela COMPREENSÃO!... Si o meu irmão, em vez de uma *«Sessão de Sofredores»,* tivesse me mostrado uma sessão onde se comunicassem Espíritos de Luz e me fizesse ouvir alguns trechos do «EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO», talvez que não precisasse da VISITA DA DOR PARA ME DESPERTAR PARA O ESPIRITISMO!

E' ÊRRO, pois, e dos mais graves, para quem nada sabe de ESPIRITISMO, fazê-lo assistir *«Sessões de Sofredores»!* Continuaremos...

Itu, 1956.

Há chuvas que destroem e chuvas que criam. Lágrimas há também, assim.

Crônica Estrangeira

Um Caso Notável

Por Georges Gonzales — «Spiritualisme Moderne» reproduziu de «Survie»

...Um de nossos amigos, que deseja conservar o anonimato, recentemente experimentou um fenômeno que eu considero notável.

E' como se fôsse uma pequena tragédia em três atos.

O primeiro situa-se numa cidade da Normandia onde a secretária dum advogado vai consultar uma pitonisa da localidade.

Em resumo esta lhe disse isto:

«A senhora trabalha em casa de um homem que se dedica a leis (direito); eu vejo papeis referentes a negócios judiciários. A senhora tem bom emprego, mas o abandonará dentro de poucos mêses».

«Mas, diz a consulente, eu tenho um emprego estável que de modo nenhum pretendo abandonar».

«Certamente, diz a vidente, mas seu patrão vai ser vítima de um acidente muito grave que lhe obrigará a procurar outra ocupação».

Conhecendo por experiência o caráter de precisão desta mulher, a secretária foi procurar outra vidente. Esta, sem conhecer a primeira consulta, lhe fez predições análogas; o mesmo aconteceu com uma terceira vidente, mas sem indicação de data.

A secretária revelou os resultados obtidos ao patrão para despertar sua consciência e procurar evitar o acidente.

O advogado é homem muito inteligente que, ademais, acredita em nossos métodos. Além disso, êle tem uma irmã, parisiense muito cultivada, possuidora de altos títulos universitários, que é espirita. Êle a consultou, e a irmã lhe aconselhou a procurar um homem (nosso amigo) que possui certos poderes e que talvez poderia obter a modificação dum karma possivelmente nefasto, conforme a declaração das três percipientes.

Aquí começa o segundo ato desta tragédia.

O advogado, seguindo o conselho de sua irmã, foi a Paris. Êle consultou o nosso amigo.

Êste, após refletir e concentrar-se, lhe declarou:

«O senhor faz seu carro correr com velocidade excessiva». Era verdade, o advogado, sempre apressado por sua profissão, corria a 110 ou a 120 regularmente.

Porém êle acrescentou: «Eu noto um defeito, na dianteira direita, do seu carro, suponho existir ao menos um defeito; não sei se se trata do pneumático ou do rolamento do eixo. O pneu deve ter qualquer cousa, mas também pode ser o rolamento do eixo, no qual noto uma falha no metal, ou fenda. O senhor deve mandar examinar êste dois pontos, e sobretudo limitar sua velocidade a 80 ou 90, observando atentamente a corrida».

Recentemente, o nosso advogado teve o pneu dianteiro direito perfurado, quando em viagem, por um prego. Não houve nada de grave, pois a velocidade era reduzida. Êle aproveitou a ocasião para mandar examinar o rolamento do eixo.

Os que têm alguma noção de mecânica facilmente compreenderão o espanto do garagista ante êste pedido de exame. Porque verificar o rolamento do eixo na ocasião de uma perfuração no pneu? Isto seria necessário sòmente depois de um choque.

Mas o mecânico executou a ordem. Terminado êsse exame, êle declarou:

«Pois bem! o senhor teve sorte; o senhor corria para a morte; o rolamento da frente direita está rachado.»

Penso desnecessário insistir sôbre a precisão da clarividência, mas aproveito a ocasião para de novo assinalar, como o expus em minha obra «O Problema do Destino», que em certas condições, o futuro não está precisamente delimitado e que se pode, por vêzes, remediar um karma defeituoso, unindo-nos pelo pensamento a algumas dessas grandes entidades que regem o destino dos homens, para obter modificações apreciáveis do nosso futuro, quando se apresentarem riscos graves.

Rainha assiste a uma sessão de Voz Direta

Admirável consequência da notável conversação espiritual

A história da volta do Rei Eduardo VII com uma mensagem a sua esposa, Rainha Alexandra, que depois assistiu a uma sessão, tornou-se pública por Arthur Findlay em sua autobiografia: «Olhando o Passado».

O médium foi John Sloan, cujas sessões de voz direta são narradas em «No Limiar do Etéreo».

Findlay foi procurado pelo Hon. Everard Fielding, ativo membro da Sociedade de Investigação Psíquica, que anunciou a vinda de um amigo seu a Glasgow. Não se poderia realizar uma sessão para êsse amigo? Findlay prometeu a sessão.

O homem, um completo estranho, chegou sem alarde. Êle jantou com Findlay antes da sessão, não dando indício de sua ocupação. Findlay deliberadamente não pediu detalhes. Assim, todos ignoravam a identidade do assistente.

Volta Eduardo VII

Uma voz de espírito falou-lhe corretamente, clara e distintamente.

Quando lhe perguntaram quem estava comunicando, a voz respondeu: «Quando na terra eu era conhecido por Rei Eduardo VII».

Seguiu-se uma conversação pessoal, a voz espiritual nomeou pessoas conhecidas do assistente.

Depois de conversarem, disse a voz espiritual: «*Quero agradecer-vos todos pela vossa bondade para com minha esposa, Rainha Alexandra. Não sei como ela poderia governar sem o vosso auxílio, e vós lhe evitastes muitas dificuldades e cuidados*».

Terminada a sessão, Findlay perguntou ao récem-vindo si êle estava satisfeito com sua experiência.

Êle respondeu, «muitissimo satisfeito».

A próxima pergunta de Findlay foi: «Quereis revelar-me qual a vossa posição em relação à Rainha Alexandra?» Êle respondeu: «Sou o Mordomo do Palácio».

Quando a Rainha Alexandra foi informada da sessão, ela quís assistir a uma com Sloan. Esta se realizou em Londres. Findlay não relata quais as mensagens que a Rainha recebeu. A sessão diz êle «proporcionou-lhe grande satisfação».

Entre os presentes estavam Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Marconi e Sir Thomas Lipton.

«*Two Worlds*».

Estamos agora mais vivos do que na Terra

De «Estudos Psíquicos».

O *Psychic News*, de 6 de Janeiro de 1954, relata o seguinte curioso fato:

Entre as vítimas da catástrofe de Harrow, que se deu há um ano, morreu o jovem Mauricio Hilton. O seu trespasse causou a seus pais um grande abalo moral, e como ignorassem em absoluto o Espiritismo, desconheciam, também, que na localidade, Hatford, onde Mauricio vivia com os pais, existia um Centro Espírita. Após a catástrofe, o casal Hilton, para se refazer de tão grande desgosto, resolveu sair de Hatford.

Certo dia, nêsse Centro, é recebida pela voz direta a seguinte comunicação: —«Maurice Hilton — morto na catástrofe de Harrow, procura seus pais».

O médium não conhecia os Hilton, mas uma assistente, que os conhecia, encarregou-se de os prevenir.

Decorridos quinze dias, a senhora Hilton dirigiu-se ao Centro Espírita e ouviu o filho pedir-lhe que não chorasse porque — «êle e os outros não estavam mortos, bem pelo contrário, estavam agora mais vivos que quando se encontravam na terra».

Disse também à mãe que não queria tornar a vê-la vestida de preto, e que tinha reparado estar a fotografia dele ornamentada com flores.

Informado por sua mulher, o pai recusou-se a ir ao Centro, mas na semana seguinte Mauricio acompanhado pelo seu avô disse à mãe: —«E' preciso trazer o papá». Êste aceitou enfim, e nêsse dia o jovem Mauricio agradeceu a comparência de seus pais, e de não o

terem cremado, dizendo que gostava do sítio aonde o tinham enterrado e a árvore colocada diante do seu túmulo. Anunciou pequenos acontecimentos que depois se realizaram; apesar destas provas seu pai continuava a duvidar.

Como Maurício tivesse por hábito oferecer a sua mãe, no dia dos seus anos, um ramo de violetas, prometeu que nêsse ano novamente lhas ofereceria. Na semana seguinte, a senhora Hilton encontrou uma amiga que já não via há mêses e que lhe entregou um saquinho de papel dizendo-lhe: — «Que Deus a abençôe», e partiu. O saquinho continha um ramo de violetas de Parma, iguais às que Mauricio costumava oferecer-lhe.

A senhora Hilton, afirmou que a amiga que lhe entregou as violetas não é espírita e ainda não acredita — «que qualquer coisa especial se encontrasse dentro do saquinho, embora confesse que foi levada a fazer êsse gesto sem saber como».

Mauricio voltou a comunicar dando provas que se confirmaram em tudo quanto anunciou. Deste modo os pais desolados e incrédulos retomaram gosto pela vida e passaram a acreditar firmemente na sobrevivência da alma.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 5 de Maio de 1956.

Abertos os trabalhos pelo Presidente, à hora regimental, com a prece inicial, foi lida e aprovada a Ata de 7 de Abril.

Expediente — Carta da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, justificando a ausência de seu Representante, Conselheiro Carlos Jordão da Silva, por motivo de enfermidade.

Declaração — Foi aprovada pelo Conselho a declaração seguinte: «O Conselho, coerente com a resolução aprovada em 7 de Janeiro de 1956 e atendendo a consultas e pedidos de informações a respeito da convocação de um Congresso Espírita Nacional, a se realizar, em 1957, em Recife, cumpre o dever de esclarecer que tal convocação é de iniciativa particular, inteiramente à revelia deste Conselho. (*)

Informações à ONU — O Presidente comunica o pedido de informações, feito pelo Ministerio do Exterior, para atender à Organização das Nações Unidas, sôbre restrições que possam ter ocorrido, em relação aos Direitos do Homem. O Conselho sugere, como colaboração à resposta, se informe que a Legislação Brasileira corresponde perfeitamente ao Ideal da ONU quanto à liberdade religiosa e garantias conferidas, indiscriminadamente, a todas as religiões, em maioria ou em minoria. Que os erros na aplicação das leis, excepcionalmente ocorridos, são humanos e ainda inevitáveis, e que a consciência nacional, em casos de desrespeito às leis e costumes brasileiros, de plena liberdade religiosa, tem-se feito manifesta pelo protesto, mesmo de profitentes da maioria, sempre que ocorre alguma violação de liberdade religiosa, que importe em restrição dos direitos que a lei confere, em igualdade, às religiões.

União Espírita Mineira — O Presidente discorre sôbre o brilhantismo das festividades realizadas, em Belo Horizonte, em comemoração ao «Livro dos Espíritos» e pela inauguração da nova séde da União, realçando o magnifico trabalho dos espíritas mineiros, na difusão e prática do Espiritismo e, especialmente, nas suas obras de assistência aos necessitados. O Conselho aprova um voto de congratulações à União e aos Confrades mineiros.

Representação - O Conselheiro Almerindo Martins de Castro dá conta de sua visita à Federação Gaúcha, representando o Conselho e a FEB. Agradece a oportunidade que lhe foi dada de observar o notável desenvolvimento do Espiritismo no Estado, enumerando as obras de assistência a crianças, adultos e desvalidos e enaltecendo as atividades

da Federação Espírita do Rio Grande do Sul em todos os setores da Doutrina.

Com a prece final, proferida pelo Representante do Piauí, é encerrada a reunião, às dezesseis horas.

(*) RESOLUÇÃO DO CFN, em 7 de Janeiro de 1956.

«O Conselho Federativo Nacional, tendo em vista a conveniência de ser mantida a unidade direcional do Espiritismo no Brasil, esclarece que todo e qualquer movimento espírita, de âmbito nacional, deverá ser de sua iniciativa ou aprovação, afim de que não se verifique solução de continuidade, no desempenho de suas atribuições».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 152.361,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

De Paula Machado prepara um novo livro

O conhecido escritor espírita De Paula Machado está preparando «Caminhos de Volta» reunindo artigos e crônicas inéditas.

De Paula é o autor preferido dos presidiários da Penitenciária do Distrito Federal, ao certo pelo sabor humano e pela sutileza filosófica de sua interpretação da vida, exposta em estílo simples, agreste como terra virgem.

Consulta

Tendo a União da Mocidade Espírita de Santo André consultado sôbre si, realmente, seria realizado em 1957, em Paris, um Congresso Internacional Espírita e si a Federação Espírita Brasileira enviaria Representante, o S.E.I. respondeu dizendo que, pelo menos, por intermédio do principal órgão de divulgação espírita francês, que é a «Revue Spirite», nada se sabe ainda, a respeito. Em consequência, a Federação Espírita Brasileira também não cogitou da ida de Representante.

No Brasil, entretanto, os preparativos das comemorações do Centenário da Codificação começaram cedo e o Conselho Federativo Nacional já se pronunciou, justificando a necessidade de realizá-las e sugerindo um programa tipico, naturalmente, adaptável às condições locais.

Tem o S.E.I., também, notícias de um importante conclave nacional a realizar-se no Estado de S. Paulo, dentro do programa das Comemorações do Centenário.

Aliança Fraternista Espírita Baiana

Nosso correspondente em Vitória da Conquista deu-nos conta de um movimento em Salvador, Capital da Bahia, para a fundação da Aliança Fraternista Baiana, com finalidades assistenciais, tendo à frente a confreira Geny Costa Dorea.

Saudando êsse novo organismo de execução do programa do «amai-vos uns aos outros» desejamos a seus dirigentes a proteção e a perseverança necessárias para levar a bom têrmo sua importante tarefa.

A Fraternidade Ecletica Espiritualista Universal vai interiorizar-se

Segundo notícias divulgadas no Rio essa instituição, que reune prática espiritualistas de variadas correntes, fará uma perigrinação para o interior do país, indo estabelecer-se em Goiás, onde instalará sua séde central.

A escolha do planalto goiano conforme a mesma notícia, obedeceu a motivos de ordem mística, ainda guardados em segredo, porém indicados por entidades espirituais orientadoras da ação da Fraternidade.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Palavras de Emmanuel
Crônicas de Além-Túmulo

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. $ 15,00, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	,, ,,	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**